

JOSÉ RENATO GAZIERO CELLA

RAZÃO E EXPERIÊNCIA; IDEAL E REAL EM DEWEY

Trabalho de Graduação apresentado
ao Curso de Filosofia, Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná. Prof.
Dra. Inês Lacerda Araújo

CURITIBA

1994

INTRODUÇÃO:

John Dewey (1859-1952) é um dos mais notórios representantes, ao lado de Charles S. Peirce e William James, da corrente denominada pragmatismo dentro da Filosofia Contemporânea.

O pragmatismo quer evitar toda a forma de absolutismo, juntamente com as conseqüências desastrosas decorrentes desta postura dentro da história da humanidade. Defende-se uma tolerância que vai contra todos os “determinismos”, “materialismos” e “idealismos” já defendidos e sistematizados na filosofia.

No Capítulo V de sua obra “A Filosofia em Reconstrução”, Dewey faz uma sóbria abordagem das concepções do Ideal e do Real dentro da História da Filosofia, criticando a metafísica e a epistemologia, como veremos neste trabalho.

NOVAS CONCEPÇÕES DO IDEAL E DO REAL:

Dewey, em suas conjeturas, diz que quanto mais adversa a realidade para o ser humano, maior a tendência deste em fantasiar situações, projetar desejos, enfim, realizar idealizações.

Porém, “tais considerações aplicam-se além da psicologia pessoal, [pois] são verdades terminantes em um dos traços mais marcantes da filosofia clássica: sua concepção de uma Realidade Última, Suprema, essencialmente ideal na natureza” (p. 115).

A realidade sempre foi encarada de uma forma negativa, como imperfeição. Daí surgiram todos os sistemas filosóficos desde Platão e Aristóteles, passando pelos períodos Medieval e Moderno, que nos influenciam profundamente na atualidade.

A concepção que vê na realidade uma imperfeição deu vazão a existência do pensamento que busca a Verdade, a Realidade Última; estas sim dotadas de perfeição e que podem ser atingidas através da contemplação.

Daí o motivo de, até aproximadamente três séculos atrás, ser dominante a mentalidade da “superioridade do conhecimento contemplativo ao prático, o da especulação teórica pura à experimentação e a qualquer outro que dependa de mudanças nas coisas ou que induz mudanças nelas” (p. 119).

A filosofia então era vista como “o conhecimento puro, solitário, e capaz de continuar em completa e auto-suficiente independência” (p. 120).

Ocorre que, com o alvorecer da Ciência, nasce uma nova concepção de Razão e Experiência, onde a sensação deixa de ser passiva para dar lugar a uma interação ORGANISMO X MEIO. O trabalho, que antes era visto como uma atividade destituída de qualquer nobreza, passa a ser valorizado.

É bom aqui abrir um parêntese para criticar a interpretação que muitos intelectuais fazem desta ruptura que foi a passagem da contemplação à interação. Dizem estes pensadores que este fato ocorreu devido a ascensão da burguesia que, por sua vez, universalizou seus valores, entre os quais o trabalho, para o exercício da dominação. Esta interpretação é um “lugar-comum” que o pragmatismo, de uma forma brilhante, superou. “O que há algum tempo era tido como milagre, hoje é feito

com o vapor, com o carvão, com a eletricidade e o ar, com o corpo humano. **Contudo são poucas as pessoas otimistas, a ponto de proclamarem que temos conseguido semelhante domínio das forças que controlam o bem estar (...) do homem**” (p. 132; grifo nosso).

As transformações decorrentes da técnico-ciência têm demonstrado que o mundo pode, enfim, ser transformado em um “lar”, sendo este um *ideal* (dentro desta nova concepção) encarado como uma alavanca para aquilo que nossos desejos planejam, modificando o mundo real. O conhecimento deixa de preocupar-se com *essências, causas, etc*; que na verdade não solucionam nossos problemas. “O conhecimento deixa de ser contemplativo para se tornar prático” (p. 125). A experimentação científica é o melhor exemplo disto.

Dewey afirma que “o mais importante papel no filosofar histórico [são] as concepções do ideal e do real” (p. 130). No pragmatismo “o real deixa de ser alguma coisa com existência antecipada e final para tornar-se aquilo que tem de ser aceito como material de mudança” (p. 130), o mesmo ocorrendo com o ideal e o racional. Tais concepções acima “passam a representar possibilidades inteligentemente engendradas do mundo real que poderão ser usadas como métodos para modificar e aperfeiçoar este mesmo mundo” (p. 130).

A filosofia passa a ter uma função ativa, ou seja, “a de racionalizar as possibilidades da experiência, especialmente as da coletividade humana” (p. 130). Quanto a epistemologia e a metafísica, são infrutíferas, inúteis, pois nada acrescentam na vida prática ou contribuem para o bem-estar moral e social do homem.

Para Dewey, há um conflito entre as posturas contemplativa e prática. A relação entre ideal e real nunca esteve tão distante e esta relação é “o mais sério de todos os [problemas] da humanidade” (p.135). Se, por um lado, a tecnologia nos trouxe muitas benesses, por outro, a visão excessivamente prática do mundo nos afastou de preocupações extremamente pertinentes, como, por exemplo, as questões ecológica, social, política. O que Dewey propõe é uma “reconciliação entre as ciências práticas e a apreciação estética contemplativa” (p. 134).

CONCLUSÃO:

Apesar da problematização apresentada por Dewey possuir uma grande atualidade e importância, é demasiadamente difícil a sua assimilação e discussão em nosso país. A nossa tradição filosófica, que é profundamente marcada pelo positivismo, pelo tomismo e pelo marxismo, é arredia a estas idéias e muito raramente encontramos interlocutores com maleabilidade o suficiente para o debate e um estudo aprofundado do assunto, onde a tarefa da filosofia é vista como uma espécie de reconstrução.

BIBLIOGRAFIA:

DEWEY, John. **A Filosofia em Reconstrução**. Companhia Editora Nacional, 1958.